

A DEMISSÃO CONSAGROU-SE

por Mário Soares

A situação difícilima de Portugal, no quadro europeu, consagrou-se com a crise política aberta, após a posse do Presidente da República e a viagem do primeiro-ministro a Bruxelas, no dia seguinte. Assim se sobrepôs à crise financeira e económica, com que lidámos mal, uma crise política muito séria. O Parlamento, reunido para debater o chamado PEC 4, resolveu, numa estranha coligação negativa, composta pelos dois Partidos do Centro Direita (PSD e PP/CDS) e pelos dois Partidos da Esquerda Radical (PCP e Bloco de Esquerda), votarem, sem hesitação, contra o PEC 4, imposto por Bruxelas e derrubaram o Governo, Sócrates. O primeiro-ministro e líder do PS, após a votação histórica, dirigiu-se a Belém e, num curtíssimo encontro, apresentou a sua demissão ao Senhor Presidente da República, como lhe competia, nos termos da Constituição. O Presidente aceitou o pedido de demissão, mas deixou o primeiro-ministro em funções. Demissionário, pelo menos, até vir a ser substituído - se os eleitores assim quiserem - pelo líder do PSD, Passos Coelho. O que obrigou Sócrates a partir para a reunião de Bruxelas, realizada em 24 e 25 do corrente. Os resultados dessa reunião evidenciaram uma pequena viragem da União Europeia da zona euro, para defesa da moeda única e para criar um Fundo Financeiro, na próxima Cimeira, para valer aos países mais fustigados pelos mercados especulativos. Mas sobre isso, que envolve o futuro da União, escreverei a seguir.

Sócrates, apesar de demissionário, foi excepcionalmente bem recebido pelos seus colegas da União. Há muito tempo que a imprensa internacional não falava tanto de Portugal nem do Governo português, pelas boas e más razões. O que acresce as responsabilidades do futuro primeiro-ministro, seja ele quem for. Passos Coelho também foi a Bruxelas. Ouviu e conversou, com a Chanceler Merkel - que não foi especialmente doce para com ele - e alguns outros correligionários do Partido Popular Europeu. Percebeu, seguramente, que a política que vai ser obrigado a seguir não será substancialmente diferente da política proposta, antes da crise, por Sócrates, se não for mesmo mais impopular ainda. Será a política conservadora europeia no seu pior. Foi isso que os Partidos da Esquerda Radical, votaram no Parlamento de Lisboa. Eles lá sabem porquê...

A perspectiva de aumentar o IVA - que Passos Coelho anunciou, como teste - deve tê-lo convencido, pelas reacções negativas que provocou, que terá escolhido o pior momento para desencadear uma crise política, desejada por alguns, com certeza, mas cuja oportunidade o eleitorado em geral não compreende nem aprova. Nem pela maioria dos empresários que temem, com razão, a recessão que está à vista...

É certo que o líder do PSD deve ter sido muito pressionado pelos seus correligionários, ávidos de poder, que não escondem, aliás, que o não suportam e o querem substituir, uma vez realizada a salle besogne, como dizem os franceses. Isto é: o trabalho mais impopular e difícil. Como outros queriam "fritar em lume brando", José Sócrates. Mas ele não os deixou fazer...

E agora? Vamos ter eleições, que se anunciam para fins de Maio, princípios de Junho. E até lá? Vai ficar o Governo demissionário, sem autoridade, a fazer o menos possível. Porque não é lógico que faça, como é óbvio, a política que o Parlamento rejeitou. Este é um dos imbróglios em que estamos metidos. Dois meses decisivos, sem que ninguém saiba para onde vamos. Foi, por isso, que me permiti alertar o Senhor Presidente da República para o perigo de cairmos num vazio de poder. Mas, ao que disse, parece que "foi tudo muito rápido e não teve espaço de manobra para intervir".

Seja como for, a verdade é que o País vai entrar em eleições, com tudo o que isso representa e no pior momento. Cada Partido vai empurrar para os outros as culpas da situação. Casa em que não há pão... Durante estes meses cruciais - para a Europa, para o Mundo e, obviamente, também para Portugal - o mais provável é que se esqueça o que interessa aos portugueses: como vencer a crise e como arranjar mais emprego. Em vez disso, vai recorrer-se à retórica mais demagógica para que cada Partido ganhe as eleições, ou para que se aproxime o mais possível disso. Com o País parado - durante dois longos meses - à espera dos resultados eleitorais. É muito tempo!

Convenhamos, caros leitores, que não se podia ter encontrado pior momento para a demissão do Governo e para marcar novas eleições, que não irão - oxalá me engane - clarificar politicamente quase nada. Um dos Partidos do arco governativo, como se diz, o PSD ou o PS, irá ganhar as eleições. Por maioria absoluta? Seria bom, para o País, se assim fosse, porque daí resultaria uma pequena clarificação. Mas suponho que, provavelmente, isso não venha a acontecer. O eleitorado,

especialmente num momento tão grave para os portugueses, é suficientemente maduro para não "querer meter os ovos todos no mesmo cesto", como diz o Povo.

E os outros três Partidos? O PP/CDS, quer obviamente ir para o poder, com o PSD. Mas, antes disso, tem de o combater, sem descanso, como já tem estado a fazer, para ter votos suficientes para se impor ao PSD. O que lhe cria no PSD - mas não só - muitos anti-corpos, como é natural...

Quanto aos Partidos da Esquerda Radical - PCP e BE - tirando o ódio de estimação que têm ao PS e, em especial, a Sócrates, não têm qualquer razão para se aliarem, uma vez mais, à Direita, como fizeram, para derrubar o PS. Foi a política - sempre má - do "quanto pior, melhor". O seu eleitorado, nos próximos meses, vai perceber que as respectivas direcções, se enganaram ao fazer essa aliança espúria com a Direita. Só os colocou mal, no plano político e ideológico.

Enfim, são os Partidos que temos. Esperemos que compreendam - com a experiência que vão ter nestes meses - que os jogos baixos da política politiqureira, tão explorados sempre pela comunicação social, só os desacreditam. Quando os Partidos são mais necessários a Portugal, desde que tenham contenção nos ataques verbais e bom senso na acção. O que não tem sucedido. Mas não percamos a esperança.

As culpas da União

Se há, nesta e noutras crises - financeira, económica, política, social e de valores - quem tenha culpas graves no cartório, como os espíritos lúcidos e independentes perceberam há muito - é a União Europeia e a fraqueza das suas instituições e lideranças: a Alemanha, da Chanceler Merkel, a França do Presidente Sarkozy e a maioria dos líderes ultra-conservadores que, nesta fase crítica, governam a esmagadora maioria dos Estados europeus. Tanto a Senhora Merkel como o Senhor Sarkozy sofreram pesadas derrotas eleitorais no passado Domingo.

Tenho-o afirmado várias vezes e quanto mais estudo os discursos e as resoluções (sempre adiadas) das sucessivas reuniões e Cimeiras, mais me convenço, que a União Europeia está a entrar numa perigosa fase de decadência e desagregação, que está a pôr em causa, nos seus fundamentos o projecto europeu, tal como o conceberam os chamados Pais Fundadores, de 1957. Um projecto político de igualdade e solidariedade, entre todos os Estados-membros, de paz, de bem-estar social, para todos os europeus, que tinha como meta a criação dos Estados Unidos da Europa. Mais de cinquenta anos depois, onde isso tudo vai?... O próprio respeito pelos Direitos Humanos, pela construção de um Estado Social - que se tornou uma das identidades europeias - por uma cultura ambiental e por Estados de Direito, isentos e operantes, está a ser progressivamente enfraquecido

A crise financeira e económica actual - que está longe de ter passado - está a pôr em causa o neo-liberalismo, que a maioria dos Estados europeus ainda não abandonou. O que implica rupturas urgentes, se a União Europeia não quiser entrar em decadência e perder o prestígio e o respeito que ainda goza no Mundo. É por isso que a crise, pode ser útil, se a União Europeia perceber, finalmente, que não lhe basta obrigar as populações europeias a medidas de austeridade, que reduzem o bem-estar das populações e aumentam o desemprego, para controlar os deficits públicos e privados. É preciso, igualmente, reduzir o desemprego, as manchas de pobreza e dar esperança e confiança aos parceiros sociais.

Quem tiver dúvidas, a este respeito, leia o artigo de Paul Krugman, prémio Nobel da Economia e professor da Universidade de Princeton, reproduzido no jornal I, na edição do último fim-de-semana, intitulado "A crise portuguesa e a política de austeridade". Escreve ele: "A austeridade não recuperou a confiança, não criou emprego e aumentou o deficit na Irlanda e no Reino Unido". E eu acrescento: na Grécia, na Irlanda e com grande probabilidade, em Portugal, na Bélgica, na Espanha e na Itália. Quando é que o Presidente da União, o Banco Central Europeu e a Comissão, compreendem esta situação e se dispõem a criar um novo modelo de desenvolvimento e de solidariedade, que evite a recessão dos países em dificuldades? Se o não fizerem, as rupturas não se farão esperar por muito tempo e poderão ser mesmo violentas. Ponham os olhos no que se passa no Mundo...

Lisboa, 29 de Março de 2011